

A Língua Portuguesa no Alto Minho

Victor Domingos



ArcosOnline.com

Portal de Arcos de Valdevez

Título

A Língua Portuguesa no Alto Minho

Autor

Victor Domingos
victor@lince.espeho.net

Data de edição

Agosto de 2004

Edição

ArcosOnline.com
O Portal de Arcos de Valdevez
www.arcosonline.com

Este e-book é distribuído gratuitamente coa devida autorização do autor. É ~~permitted~~ *encorajada* a sua impressão e redistribuição em papel ou em formato digital, desde que todo o seu conteúdo se mantenha inalterado. Se pretender incluir este artigo nalguma publicação digital ou em papel, por favor entre em contacto co autor ou coa instituição editora.

A todos os meus professores de Língua Portuguesa,
começando na minha mãe, que me ensinou a falá-la.

Índice

- 2 **Ficha técnica**
- 4 **Índice**
- 5 **Introdução** (o porquê-para-quê)
- 7 **Fonética e fonologia** (de como dizemos as palavras)
- 12 **Morfologia** (de como nós moldamos as palavras)
- 18 **Vocabulário** (palavras vivas que são nossas)
- 27 **A finalizar...** (mais meia-dúzia de opiniões pessoais)

Introdução

(o porquê-para-quê)

O presente trabalho resulta do meu convívio quotidiano coa Língua Portuguesa, sobretudo da sua variante que eu desde cedo me habituei a ouvir e a falar e que, por isso mesmo, tem para mim um valor afectivo mais que óbvio, por se tratar, afinal de contas, da minha língua materna. Falo dos dialectos setentrionais em geral (segundo a classificação utilizada por Cunha & Cintra, na *Breve Gramática do Português Contemporâneo*) e, sobretudo, dos falares do Alto Minho.

O que eu pretendo é apenas fazer uma descrição geral e, portanto, pouco profunda, das características linguísticas da variante que aqui se fala da Língua Portuguesa. Não é feita, pois, nem uma recolha exaustiva nem uma análise detalhada do quanto aqui há para estudar. Julgo no entanto que servirá, pelo menos, para dar a conhecer um pouco da nossa cultura e para questionar o actual estado de coisas em domínios como a cidadania e a preservação do património cultural. Sim, que a Língua é também ela Património da Humanidade, como as obras de arquitectura que duram séculos e ruem em poucos dias, como as belezas naturais que duram milénios e se extinguem em menos de um século, como todas as tradições que duram séculos e se extinguem em poucas décadas.

Trata-se, assumidamente, de um trabalho caseiro, sem o rigor e o método próprios duma investigação académica. Para a síntese que fiz das características fonéticas dos nossos falares, socorri-me por diversas vezes, contudo, da *Breve Gramática do Português Contemporâneo* (de Celso Cunha & Lindley Cintra), que me acompanhou ao longo de todo o processo de elaboração deste artigo. Algumas das ideias aqui expostas foram-me surgindo também no decurso da leitura de *História da Língua Portuguesa* (de Paul Teyssier) e de *Estilística da Língua Portuguesa* (de Manuel Rodrigues

Lapa). Aqui e ali, e sobretudo na secção dedicada ao vocabulário, fiz também uso do *Dicionário de Verbos da Língua Portuguesa*, do *Dicionário da Língua Portuguesa* e do *Dicionário de Sinónimos* (todos estes da Porto Editora), bem como do *Diccionario Xerais da Língua* (Edicións Xerais de Galicia). Em tempos, encontrei numa biblioteca um livro datado de meados da década de 80, escrito por um Gabriel Gonçalves e intitulado *O Falar do Minho*. Infelizmente, não me foi possível voltar a encontrá-lo (sendo esse, aliás, um dos motivos que me levaram a escrever o presente artigo). Apesar de ter presente na memória que uma parte considerável do vocabulário mencionado por esse livro já não será utilizado hoje em dia nesta área geográfica, sou de opinião que são obras como essa que têm faltado. Obras que mostrem que nós *também sabemos falar*, ainda que seguindo outras regras; que temos a nossa própria identidade cultural, que não se define pela ignorância mas sim pela preservação daquilo que são as nossas raízes. Para além da leitura e/ou consulta destas obras, fiz algumas observações directas em contexto natural, embora em contextos não tão variados quanto seria desejável.

O que aqui vai ficar como semente de futuros esforços a serem promovidos pelas *instituições promotoras de cultura*, sobretudo as que são da nossa terra e para a nossa terra. Para além do tipo de trabalho que eu aqui apenas exemplifico (e no qual ficaram ainda grandes lacunas, por exemplo, a nível do léxico inventariado e das regras morfológicas verbais), é também URGENTE recolher, organizar e divulgar todo o tipo de tradições orais da nossa terra. Contos e poemas populares, lendas, adivinhas, lengalengas, anedotas, provérbios, orações, canções tradicionais... todo um património que vai morrendo a cada dia, à medida que morrem os únicos detentores desse conhecimento: os nossos pais, os nossos avôs e os nossos bisavôs. É um trabalho que deve ser feito com um rigor profissional, e sempre com o respeito e o cuidado de preservar aquilo que é a identidade cultural dum povo, que se funde mas não se confunde coa de outros povos seus irmãos.

Fonética e fonologia (de como dizemos as palavras)

Como nos dizem Celso Cunha e Lindley Cintra na sua *Gramática do Português Contemporâneo*, um dos pontos em que se baseiam as classificações dos dialectos galego-portugueses contemporâneos consiste nas diferenças ao nível do sistema das sibilantes. Na área geográfica a que nos reportamos, há actualmente uma convivência das sibilantes ápico-alveolares, próprias desta região, coas predorsodentais, típicas dos dialectos centro-meridionais. De acordo cos autores referidos, em algumas áreas dos dialectos setentrionais, existe mesmo uma distinção entre as duas, utilizando-se as primeiras nas palavras grafadas com “ss”/ “s” (p. ex., “**seis**”, “**passo**”) e as segundas nas palavras grafadas com “ç”/ “ç”/ “z” (p. ex., “**caça**”, “**cinco**”, “**fazer**”), distinção essa que faz normalmente jus à história das palavras em causa e que é parecida coa que também se observa nos dialectos galegos. Também semelhante ao que sucede nesses dialectos é a realização do dígrafo “ch” como “**tch**”, que ocorre com bastante frequência.

Ainda a propósito das sibilantes, é de referir que no Alto Minho (podendo eventualmente suceder de forma semelhante noutras regiões, embora não tenhamos dados que o evidenciem) as sibilantes finais de palavras que precedem vocábulos iniciados por vogal são pronunciadas como ápico-alveolares sonoras (por exemplo, em “**os** amigos”, “**azuis** ou pretas”, “**fi**z anos”, “**tra**z as coisas”). Isto sucede mesmo quando os falantes utilizam habitualmente as predorsodentais no interior das palavras. No fundo, é a palavra que se mantém inalterada em termos fonéticos, independentemente da palavra que lhe sucede. Noutros dialectos mais a sul, a sibilante do final da palavra torna-se predorsodental (pronunciando-se como “**z**”: “o[**z**]amigos”, azui[**z**]ou pretas”, etc.).

Um outro traço característico da variante da Língua falada nesta região consiste na pronúncia de “v” como “b” (p. ex., “avô”, “viver”, “vassoura”, “vasto”, “varado”). Trata-se, contudo, de um fenómeno que também ocorre nos dialectos galegos, e semelhante ao que sucede na língua castelhana em quase todo o território espanhol. Nada de estranho há nisto, se pensarmos que em muitas outras palavras o próprio “Português europeu padrão” mantém uma distância considerável entre a forma como as palavras são pronunciadas e a representação gráfica correspondente (veja-se o caso flagrante das sibilantes, acima referido). É o que acontece quando os linguistas optam por *decretar* uma norma ortográfica baseada no respeito da etimologia e dos diversos dialectos existentes. Mas adiante... Note-se que, tal como nos dialectos galegos e, ao nível da língua castelhana, um pouco por todo o território espanhol, o “v” é pronunciado como “b”, mas não o inverso. Ou melhor, por vezes, a pressão exercida pela imposição da variante “cultura” centro-meridional (por exemplo, na maioria dos meios de comunicação de âmbito nacional, ou mesmo no sistema de ensino) entra em conflito coa tendência natural e aprendida no berço. Nesses casos, podem ocorrer diversos fenómenos. Um deles, quase exclusivo das classes menos instruídas, é precisamente a confusão e o conseqüente uso arbitrário dos dois fonemas (pronunciando, por exemplo, “vonito” em vez de “bonito”). Nas classes com uma formação linguística um pouco mais aprofundada, no entanto, o mais comum é manter integralmente as regras da variante linguística materna (ou seja, pronunciar sempre “v” e “b” como “b”) ou ceder totalmente à influência dos dialectos centro-meridionais ou, ainda, ir oscilando entre a pronúncia nativa e a pronúncia do centro-sul.

Para além dos casos acima referidos, outros há que também definem a especificidade linguística da região a que nos reportamos. O ditongo “ou”, por exemplo, tem vindo a transformar-se, noutras zonas, em algo muito próximo de “ô”, enquanto que por cá continua a ser nitidamente um ditongo. No entanto, e ao contrário do que a representação gráfica possa sugerir, a pronúncia actual deste par de vogais não é equivalente a uma

sequência da vogal "o" com a semivogal "u", mas sim da vogal (semi-fechada) "a" com a semivogal "u". Outros ditongos que merecem referência são "ao" (presente na homógrafa contracção da preposição "a" com o artigo definido "o") e "ão" (este sim, presente num grande número de palavras, e com raízes etimológicas diversas). O primeiro, que é utilizado em "ao" e "aos" (ambas contracções, como atrás referido), é pronunciado como "ó" (p. ex.: "ir [ó] cinema", "entregámos o documento [ó] presidente da assembleia", "fomos [ós] concertos todos"). Esta forma de pronunciar estas duas palavras é comum, aliás, a outros dialectos, entre os quais se destacam os da Galiza, onde curiosamente esta é a única pronúncia reconhecida como "correcta". O outro ditongo, "ão", pode apresentar duas realizações distintas: uma que poderíamos definir como a nasalização do ditongo "au", e outra que será mais como a nasalização do ditongo "ou". Esta segunda forma é a realização que se observa em todas as formas verbais terminadas em "-ão" ("comunicarão", "projectarão", "farão"...), em todos os aumentativos ("carrão", "brincalhão") e em muitas outras palavras terminadas nesse ditongo nasal ("pão", "cão", "avião", "nação", "comunicação", "adjectivação", "porão"). Exemplo de palavras em que se pronuncia como "au" nasalado, são: "mão", "irmão", "órfão", "órgão".

Um caso particular e, sem dúvida, interessante é o da palavra "não", que é pronunciada de forma diferente conforme a posição em que se encontra. Quando precede um verbo (ou seja, a maior parte das vezes em que é utilizada), é pronunciada como "ou" nasalado, ou como "um" ("Não sei", "Eu não fui", "Nós não desejamos prosseguir", "não se trata de..."). Uma representação gráfica mais aproximada desta realidade poderia ser, por exemplo, "nom" (que, por acaso, se pode encontrar em qualquer dicionário de sinónimos à frente da entrada "não"). Noutras situações (por exemplo, quando a palavra surge isolada), pronuncia-se com "au" nasalado ("Não!", "não sem algum embaraço...", "assim aconteceu, não por causa dele, mas por via de..."). Note-se, contudo, que não se trata dum fenómeno exclusivo dos dialectos falados no noroeste português. Longe disso...

E já que falamos de fonemas nasais, vejamos como se pronunciam em

“minhoto” correcto (embora, uma vez mais, não sejam fenómenos confinados a esta área geográfica apenas) as formas verbais terminadas em “-am” (“fizeram”, “acabaram”, “estipularam”, “propuseram”). Tal como na palavra “não” quando anteposta a um verbo, pode pronunciar-se como “**om**” (isto é, “**ou**” nasalado) ou como “**um**”.

Mais nasais...

As palavras começadas pelo dígrafo “en-” ou “em-” pronunciam-se dum modo geral coa vogal nasal “**in**” (“embora”, “enclausurado”, “empenhado”, “entregar”, “ensino”). Contudo, isso nem sempre acontece, sendo por vezes realizadas com o ditongo nasal “**em**” (como na palavra “bem”) e havendo mesmo algumas palavras em que é obrigatória a realização com a vogal nasal “**ên**” (“entre”).

Nos substantivos com acentuação grave que terminam co dígrafo “-em”, o mais usual é pronunciar-se apenas o “**e**” mudo (“home[**m**]”, “viage[**m**]”, “garage[**m**]”, “aprendizage[**m**]”, vertige[**m**]). Nos plurais dessas palavras o fenómeno também ocorre, sendo a sibilante sonora acrescentada ao termo correspondente ao singular (“hom[**es**]”, “viag[**es**]”,...) Isto não acontece em palavras com outro tipo de acentuação, em que o dígrafo recebe a pronúncia do ditongo nasal “**em**” (“bem”, “alguém”). Não acontece, também, nos verbos, em que a pronúncia mais habitual será o ditongo nasal “**im**”, que convive com o ditongo “**em**” (“trazem”, “fizerem”, “escutarem”, “combinassem”).

As formas verbais “vêm”, “têm” e “põem” (bem como as de todos os verbos compostos a partir das mesmas) são realizadas oralmente como “venhem”, “tenhem” e “ponhem”. Já a forma “vêm (do verbo “ver”) é pronunciada como se escreve. Em todos estes casos, continua válido também o que vem dito no parágrafo anterior a propósito do dígrafo “-em”.

No artigo indefinido feminino “uma” e nas palavras dele derivadas, como (“umas”, “alguma(s)”, nenhuma(s), o grupo “uma” é pronunciado com o ditongo nasal “**um**”, e não com a vogal “**u**” mais a consoante “**m**” (segundo a grafia antiga, seria representado como “**ũa**”).

Talvez influência resultante da emigração para o Brasil que se verificava

há algumas décadas atrás, ou simplesmente resultado do consumo generalizado de programas televisivos oriundos daquele país, o certo é que é com bastante frequência que se observa um fenómeno característico de grande parte dos falares brasileiros. É a ditongação dos grupos “al”, “el”, “il” e “ol”, quando precedidos de consoante, os quais são frequentemente pronunciados como “**au**”, “**éu**”/“**êu**”, “**iu**” e “**ou**” (p. ex., em “saldo”, “celtas”, “filtro”, “soltar”).

O grupo “qua” é pronunciado, ora como “ca”, ora como “cua” (por exemplo, nas palavras “quando”, “quanto”, “quarto”, “quatro”, “quase”).

Finalmente, e ao contrário do que é postulado pelos doutos sábios dos dialectos centro-meridionais, na nossa variante da Língua o plural de todas as palavras em cujo singular incluiu um “o” semi-fechado (**ô**) na sílaba tónica é realizado igualmente com o mesmo fonema [**ô**] (exemplos: “aeroporto” / “aerportos”, “morto” / “mortos”, “preguiçoso” / “preguiçosos”, “molho” / “molhos”, “todo” / “todos”, “avô” / “avôs”).

Morfologia

(de como nós moldamos as palavras)

Em todos os domínios da Língua, desde o lexical ao fonológico, desde a semântica à morfologia, existe diversidade face àquilo que uns estipulam como sendo *normal* ou *correcto*. E essa diversidade não ocorre a preto e branco, mas sim num gradiente multicolorido, em que umas cores frequentemente se sobrepõem às que lhes estão próximas. Não é, portanto, de estranhar que nesta zona geográfica, situada entre o Douro e o Minho, se observem os fenómenos linguísticos que estão presentes além dum e do outro rio, ou seja, nos dialectos falados noutras regiões de Portugal e nos que se falam na Galiza. Esta é, portanto, uma área de transição, caracterizada quer pela conservação dos elementos linguísticos, quer pela infusão de vários tipos de mudanças, provenientes das mais diversas origens.

Entre os elementos linguísticos que têm sido conservados na linguagem quotidiana, são de salientar as contracções da preposição “com” cos artigos e a conjunção subordinativa comparativa “ca”, juntamente coas respectivas contracções cos artigos definidos. Ambas as estruturas foram já, em tempos, consideradas normais na “língua padrão”. Ultimamente, contudo, e apesar de continuarem largamente utilizadas oralmente (sobretudo as formas contraídas da preposição “com”), parece haver algum receio de as escrever assumidamente como elementos perfeitamente legítimos da Língua Portuguesa contemporânea.

A preposição “com” aparece contraída, na linguagem oral, quer cos artigos definidos, quer cos indefinidos. No entanto, na linguagem escrita de autores e dicionaristas portugueses, raramente surgem representadas as palavras que resultam da contracção com estes últimos. As formas mais correntes serão, portanto, as seguintes:

“com” + “o” → “co”	Alguns exemplos: “Fui co João à biblioteca.” “Estais muito ocupados cos trabalhos de casa?” “Estou varado coa tua habilidade!” “Tenho um livro coas páginas riscadas.”
“com” + “os” → “cos”	
“com” + “a” → “coa”	
“com” + “as” → “coas”	

Menos correntes do que estas na linguagem escrita (à excepção da Galiza), mas igualmente frequentes na linguagem oral, teríamos as seguintes contracções cos artigos indefinidos:

“com” + “um” → “cum”
“com” + “uma” → “cuma”

Pela sua raridade nos textos portugueses contemporâneos, estas duas formas tornam-se um tanto ou quanto herméticas, não sendo de fácil compreensão para o leitor não informado. Daí que o seu uso não seja muito aconselhado, ou deva ser feito com grande prudência. Quanto às contracções de “com” cos artigos definidos, não me parece que existam grandes obstáculos à sua compreensão, até porque se encontram referenciadas em vários dicionários portugueses de renome.

A conjunção subordinativa comparativa “ca” surge habitualmente referenciada nos dicionários como sendo um arcaísmo. Porém, trata-se duma palavra ainda bem viva nos dias de hoje, não só nos dialectos galegos, mas também dentro do território português, nos dialectos nortenhos. Surge tanto na sua forma simples, como em contracção com os artigos definidos. Distingue-se da palavra “que” (com a qual por vezes é confundida) pelo facto de esta última ser muito menos específica e admitir um conjunto variado de funções gramaticais (pode ser conjunção subordinativa comparativa, mas também pode conjunção coordenativa explicativa, conjunção subordinativa causal, pronome relativo, pronome interrogativo...). A palavra “ca” tem sempre uma função comparativa. Vejamos então as formas resultantes da sua contracção com os artigos e alguns exemplos relativos ao seu uso:

“ca” + “o”	→	“cò”	Alguns exemplos:
“ca” + “os”	→	“còs”	“Ele é mais alto ca ti.”
“ca” + “a”	→	“cà”	“Tu sabes bem mais cò Miguel.”
“ca” + “as”	→	“càs”	“Nós somos muito mais espertos còs do lado de lá.”
			“A Joana fala Português melhor cà Teresa.”

Note-se que, quando o segundo termo da comparação é um pronome pessoal, este surge sempre na forma oblíqua tónica (mim, ti, ele, nós vós, eles). A palavra “ca” exprime uma relação de superioridade ou inferioridade de um sujeito relativamente a um objecto. Quando a relação é de igualdade, utiliza-se “coma” (lê-se “cuma”), que tem o mesmo significado de “como”, mas se articula com os pronomes da mesma forma que a palavra “ca”. O seu uso na escrita deve ser feito com muita precaução, sobretudo quando a palavra não precede um pronome, já que os dicionários portugueses não lhe fazem referência, podendo mesmo ser facilmente interpretada como uma gralha pelos leitores não informados.

Uma outra estrutura bem viva da nossa língua é a preposição “para”. Na linguagem escrita, normalmente, surge por extenso com quatro letras. Na nossa linguagem oral (e na de várias outras zonas da lusofonia, aliás), a palavra tem vindo a evoluir no sentido da sua simplificação progressiva. Há algumas décadas atrás, já se encontrava em vários textos as formas em que cai o primeiro “a” (“pra”/“p’ra”, mais as respectivas contracções com os artigos definidos). Hoje em dia, para além dessa forma que está já bem enraizada na nossa língua, a preposição tem vindo a sofrer um novo processo de simplificação, com a queda do próprio “r”, originando uma preposição sinónima de “para”, mas com apenas duas letras: “pa” (a qual também surge contraída com os artigos definidos). Quando à representação escrita desta última evolução da palavra, inda será cedo para que se revele de compreensão geral e, portanto, deve usar-se algum cuidado. Já no que se refere às primeiras, nada de inconveniente existe, para além do preconceito daqueles que se julgam detentores de um saber mais *sábio*.

“pra” + “o”	→ “prò”	Alguns exemplos: “Ele entrou prò curso de medicina.” “O homem enviou a foto pròs jornais.” “Não me sobra tempo prà televisão.” “Guardei algum trabalho pràs férias.”
“pra” + “os”	→ “pròs”	
“pra” + “a”	→ “prà”	
“pra” + “as”	→ “pràs”	

Ao nível das flexões verbais, também existem algumas particularidades dignas de nota. A mais interessante, por continuar bem viva, é talvez a 1ª pessoa do plural do verbo “ir”, no Presente do Indicativo. A conjugação própria da variante linguística aqui falada é “nós imos”, embora hoje em dia esta forma conviva lado a lado com a forma “nós vamos”. É de referir no entanto que, ao contrário de “vamos”, a palavra “imos” não se utiliza no modo Imperativo. Ou seja, “vamos” será a forma correspondente a esse tempo verbal, sendo “imos” específica do Presente do Indicativo. Curioso ainda será notar que, apesar de por vezes se pensar que “imos” seria uma palavra “suja” ou “errada”, ela aparece actualmente nos dicionários de verbos da Língua Portuguesa, juntamente com a variante “vamos”. Ou seja, ambas são consideradas de uso perfeitamente legítimo.

Para além dos fenómenos morfológicos acima referidos, que se encontram actualmente em plena vitalidade, há alguns que apesar de inda se verificarem com relativa frequência poderão vir a desaparecer em breve, já que praticamente só ocorrem nas palavras das pessoas mais idosas. É o que sucede, por exemplo, com a conservação do grupo “-de(s)” no final das formas verbais correspondentes à 2ª pessoa do plural do Presente do Indicativo e também da 2ª pessoa do plural do modo Imperativo. Seguem-se alguns exemplos, acompanhados das formas verbais que as substituem na actualidade (sobretudo no Português “padrão”):

Presente do Indicativo	
Vós estades	Vós estais
Vós fazedes	Vós fazeis
Vós sodes	Vós sois

Imperativo	
“Não comades isto, comede antes aquilo.”	“Não comais isto, comei antes aquilo”.
“Não façades assim, fazede antes ...”	“Não façais assim, fazei antes ...”

No entanto, as formas verbais assim terminadas em “-des”, em vez de desaparecerem, têm vindo a sofrer uma evolução que volta a colocar na voz do povo uma morfologia verbal distinta da adoptada actualmente pelos povos meridionais. O grupo “-des” aparece agora precedido de uma nasal: “-ndes”. E, se as palavras como “estades” ou “fazedes” se encontram sobretudo na população idosa (o que permite prever a sua extinção a curto prazo), estas últimas formas encontram-se actualmente generalizadas, convivendo lado a lado com a forma padrão. Vejamos alguns exemplos destes verbos (uma vez mais, colocados lado a lado coa sua versão “normalizada”):

Presente do Indicativo	
Vós estandes	Vós estais
Vós fazendes	Vós fazeis
Vós sondes	Vós sois
Vós indes	Vós ides [ou “is”]

Imperativo	
“Não comandes isto, comende antes aquilo.”	“Não comais isto, comei antes aquilo”.
“Não façandes assim, fazende antes ...”	“Não façais assim, fazei antes ...”

Pode, pois dizer-se que o Português actualmente falado no Alto Minho admite estas duas últimas formas de conjugação, sendo que a anteriormente enunciada parece estar a cair em desuso.

Um outro exemplo de uma estrutura que se encontra actualmente em processo de extinção gradual é a utilização generalizada do pronome pessoal “lo” no final dos verbos no Infinitivo (em substituição do artigo definido, assumindo aqui por isso mesmo uma função gramatical mais própria dos determinantes) e de alguns advérbios. Seguem-se alguns exemplos.

a) Com verbos:

“Tenho de ir estendê-la roupa.” [actualmente: *estender a roupa*]

“Há que fazê-las coisas...” [*fazer as coisas*]

b) Com advérbios:

“É que isto acontece todo-los dias!” [*todos os dias*]

É precisamente o mesmo fenómeno que inda hoje é de utilização corrente nos dialectos galegos. Trata-se, no fundo, duma generalização (um tanto ou quanto abusiva) daquela regra que nos permite utilizar o pronome pessoal apostro ao verbo, em frases como “Alguém vai ter de acabar com isso, e eu sinto que tenho de ser eu a *fazê-lo* pra poder sentir-me bem comigo próprio”.

Vocabulário (palavras vivas que são nossas)

A recolha que aqui se faz do léxico alto-minhoto está longe de ser um trabalho completo. De fora ficaram as inúmeras palavras e expressões relacionadas com a agricultura, a fauna e a flora locais, afinal de contas, os domínios onde a Língua aqui mais se desenvolveu. Um trabalho de outra dimensão e com outros meios deveria inventariar e divulgar esse património, não só por escrito, mas recorrendo também a suportes audiovisuais e a ilustrações, sempre que pertinente. É um trabalho que poderia ser promovido, não só pelas instituições ligadas aos órgãos governativos, mas também pelas próprias instituições educativas da região. Em vez de matar as palavras do meio onde estão inseridas, as escolas devem promover um conhecimento aprofundado das mesmas, incentivando os alunos a investigar, a fazer os seus próprios inventários ou dicionários de palavras da sua terra, a compreender as suas correctas ortografia e ortofonia, a conhecer o seu valor semântico e a suas funções gramaticais...

Deve referir-se que uma boa parte do vocabulário abaixo inventariado não é exclusivo desta região, mas sim mais frequente. Em muitos casos, trata-se de vocabulário que existiu e se extinguiu noutras regiões, mas que aqui continua em vigor. Daí o facto de muitas vezes os dicionários as referirem como *arcaísmos*. Para nós, contudo, não o são. Trata-se, efectivamente, duma característica histórica do sudoeste de Portugal: a preservação do património linguístico e duma identidade cultural.

A

abocanhar – bocanhar; vir um bocanho; parar de chover.

acanda ... (ou canda) – ao mesmo tempo que (provavelmente, de “aquando”. Exemplo: “Cheguei aqui acanda ele”).

acanhhar – assustar; meter medo; intimidar; embaraçar. (Exemplos: “Acanhei-te?”, “Ele ficou um bocado acanhado co tamanho do cão”).

agachar-se – abaixar-se; esconder-se; encolher-se; aninhar-se; acocorar-se (Lat. 'coactare', “reunir”. Exemplo: “O rapaz agachou-se debaixo da mesa para não ser visto”).

aleijar – ferir; lesionar; mutilar; magoar.

alevantar-se – levantar-se; erguer-se.

alumiar – iluminar (Lat. 'alluminare', id.).

aguçar – tornar aguçado, tornar pontiagudo; afiar (Lat. 'acutare', id. Exemplo: “aguçar o lápis”).

ajeitar – arrumar; acomodar; arranjar, consertar; amanhar(-se) (De “a-”+ “jeito”+“-ar”).

amolar – afiar um objecto cortante (Exemplo: “amolar uma faca”).

amouchar (-se) – aninhar; encolher-se; amochar; aguentar; pôr-se triste e melancólico; começar a sentir sonolência (“a-”+“moucho”+“-ar”).

andejar – agitar um recipiente e o seu conteúdo (Exemplo: “Não andejes a garrafa, que levantas a borra”).

anho – cria de ovelha; cordeiro (Lat. 'agnus', id.).

aninhar-se – acocorar-se, pôr-se de cócoras.

aonda ... (ou onda) – ao local onde se encontra alguém (provavelmente, de “aonde”. Nota: usa-se com verbos que exprimem a ideia de deslocamento em direcção ao local onde se encontra alguém. Exemplo: “Fui aonda o Pedro para lhe pedir os CD's”).

apegar – juntar; colar.

apreçar – perguntar ou consultar os preços antes de efectuar uma compra (Exemplo: “Hoje andei a apreçar várias casas, mas eram todas muito caras”).

arrebentar – rebentar; fazer rebentar (Exemplos: “O balão arrebentou.”, “Não me arrebentes o balão!”).

arrebolar – arremessar um objecto pelo ar; atirar.

arreganhar – abrir a boca e mostrar os dentes exprimindo cólera ou ameaça.

assentar-se – sentar-se.

atimar – conseguir realizar uma acção (provavelmente, de “atinar”. Exemplo: “Não estou a atimar com isto, o motor não pega!”).

avantagem – vantagem; superioridade; utilidade ou proveito (Exemplo: “Parabéns, fizeste uma grande vantagem...”); (Do fr. 'avantage', id.).

B

berregar – berrar muito.

bocadela – bocado, porção de comida que se mete à boca de uma vez só.

bocanhar – o m.q. “abocanhar”.

bocanho – aberta em dias de chuva; instante (Do lat. 'bucca', “boca”. Exemplo: “Estava a chover a potes, mas depois veio um bocanho e pudemos ir embora”).

bonda! (verbo “bondar”) – chega!, basta! (Lat. 'abundare', “transbordar”, “abundar”. Exemplo: “Bonda!, bonda!... Não deites mais café...”.

borra [ó] – sedimentos que se acumulam

no fundo de um recipiente quando este está em repouso; pé (Exemplo: “a borra do vinho”).

botar – deitar; verter; pôr; lançar (provavelmente, do fr. ant. 'bouter', “golpear”, “empurrar”, “pôr”).

bouto – protuberância que se forma no corpo em resultado de uma pancada ou da formação de um quisto; galo; pequeno papo.

bulir – mexer; tocar; oscilar; agitar-se. (Lat. 'bullire', “ferver”. Exemplos: “Não bulas nas coisas que não são tuas!”, “Co vento que estava, o candeeiro da varanda não parava de bulir.”)

C

caldo – sopa (Lat. 'calidu', “quente”).

carranca – expressão desagradável ou assustadora do rosto; careta; tromba; cara feia.

carrejar – transportar uma carga de um local para outro (De “carro”+“-ejar”).

cerdeira – a árvore que dá cerejas; cerejeira.

chamiço – folhas de pinheiro secas, com que se acende o lume; lenha

miúda, chamiça (De “chama”+“-iço”).

chiqueiro – pocilga; curral de porcos; lugar muito sujo ou enlameado.

corte [ô] – curral; abrigo onde se guarda os animais (Lat. 'cohorte', “pátio”, “curral”).

coscuvilhar – mexericar; bisbilhotar.

coscuvilheiro – bisbilhoteiro.

D

despassarado – distraído; esquecido; cabeça-no-ar.

E

emprenhar – fecundar uma fêmea; ficar prenha; engravidar (Lat. *'impraegnare'*, id.).

encetar – começar a gastar algo que estava inteiro; encetar; estrear (Lat. *'inceptare'*, “começar”).

engastalhar – emaranharem-se duas coisas de modo que não se desprendem facilmente.

entretimento – ocupação; passatempo (De “entreter”+“-mento”).

enviuar – fazer ou colocar em posição oblíqua; enviesar; atravessar.

escachar – apartar (os membros); abrir (as pernas); partir ao meio; rachar (Lat. *'ex'+‘quassare'*, “agitar”).

escaramentar – escarmentar; aprender com um erro; castigar.

escaramento – castigo; escarmenta; escaramento; lição.

escupir – cuspir (Lat. *'ex-conspuere'*, id.).

esgadanhar – passar as unhas deixando marca ou ferida; arranhar; rabunhar.

espartalhar – espalhar à toa em todas

as direcções; esterroar.

espertar – acordar; despertar (De “esperto”+“-ar”).

esperto – acordado; desperto; fino; astuto (Lat. *'expergitu'*, id.).

espinchar – esparrinhar; salpicar.

estar negado por... – estar muito ansioso por.

estardalhaço – barulheira; espalhafato.

estonar – tirar a tona; descascar (De “es-”+“tona”+“-ar”. Exemplo: “É necessário estonar as batatas antes de as assar”).

esterroar – estorrear; espartalhar (Nota: utiliza-se preferencialmente a propósito de materiais sólidos ou granulados. Exemplo: “O homem deixou cair o cesto e esterrou o milho todo”).)

estrelar [um ovo] – fritar (Nota: usa-se habitualmente apenas com “ovo”).

estroçar – destroçar; destruir; devastar.

estrugido – refogado.

G

gafar – apresentar um odor desagradável (gafor); cheirar mal; feder; tresandar.

gardar – guardar (Do francês “garder”).
Nota: como se pode ver, esta palavra faz jus à sua etimologia, e foi dela que se originou “guardar”).

gomitar – vomitar (Nota: “gomitar” parece estar a cair em desuso, apesar de permanecer noutras regiões, como Trás-os-Montes).

guicho – erecto, arrebitado; teso; saudável, vivo.

guiço – ponta de um ramo ou resto miúdo de lenha que se pode usar para acender o lume; pedaço pequeno e irregular de madeira que salta quando esta se parte violentamente.

I

inda – ainda (Lat. 'inde', “daí”. Nota: a palavra “inda” usa-se mais frequentemente quando não é precedida do verbo, sendo nesses casos substituída geralmente por “ainda”. Exemplos: “Inda não fui a Vigo.”, “Estou a ficar farto, porque eles inda não chegaram.”, “Quero *ainda* lembrar que...”).

insonso – sem sal ou com pouco sal; ensosso, insosso, desenxabido, insípido (Lat. 'insulsu', “não salgado”).

M

malga – tigela com o tamanho apropriado para comer sopa (It. 'malga', "vasilha para leite". Exemplo: "Queres a sopa num prato ou numa malga?").

moger – tirar o leite a um animal; monger; mungir; ordenhar (Lat. 'mulgere', id.).

mouco – surdo ou que ouve mal.

moucho – assento pequeno e de pouca altura (Lat. 'mutilu(m)', "mutilado").

O

ougar – augar; aguar; sentir crescer água na boca, perante uma guloseima.

P

peco [ê] – diz-se da pessoa que é difícil de aturar; maçador; rabugento; teimoso; definhado. **Ter as mãos p.:** não conseguir segurar nas coisas, ou tremelicar demasiado.

pequice – comportamento próprio da pessoa que é peca; teimosia; parvoíce; disparate.

peteiro – caixa ou lata onde se guarda as poupanças; mealheiro (De “petar” onomat., som das moedas a cair?)

pinchar – dar pinchos; saltar; pular.

pincho – salto; pulo.

por via de – por causa de, devido a.

prendado – que tem uma prenda (dom, habilidade, ou boa educação); habilidoso; educado; dotado.

preinha [ou “prenhe”] – diz-se da fêmea que está grávida (Lat. 'praegnans', id.. Nota: utiliza-se mais frequentemente em relação aos animais.)

presigo – numa refeição, o prato diferente de sopa que acompanha o pão.

Q

quentar – aquecer.

queto – parado; quieto; quedo.

quilhar – prejudicar; lixar (Exemplo: “A mulher que me enganou quilhou-se, que eu meti-lhe um processo em tribunal”).

quilhado – lixado; danado (Exemplo: “O moço é quilhado, está sempre a fazer asneiras”).

R

retrucar – contestar; objectar; replicar; retorquir.

rouçar – tocar ao de leve; friccionar; passar junto de.

roçar – cortar arbustos; rouçar.

S

segar – cortar plantas herbáceas para alimentar os animais ou para colher os cereais (centeio, trigo, etc.); ceifar (Lat. 'secare', "cortar").

T

tamém – também (Lat. 'tam bene', "tão bem". Nota: ambas as palavras – "tamém" e "também" são utilizadas no dia-a-dia, mas "tamém" é muito utilizada na oralidade).

teta – mama; mamilo.

tigela – malga de pequeno tamanho, usada geralmente para beber vinho; malguinha.

tar – estar (Lat. 'star', "estar". Nota: "tar" é, pode dizer-se, um verbo sinónimo de "estar", mas utilizam-se indistintamente. Há quem defenda que é apenas uma diferente forma de pronunciar o verbo "estar", mas a verdade é que não é comum em palavras portuguesas o grupo "es-" ser mudo).

tombar – cair; fazer cair; .

U

ubre – úbere.

uveira – árvore em cujos ramos se apoia uma videira.

V

varado – estupefacto; admirado; pasmado; perplexo; surpreendido; espantado.

vergasta – verga pequena; chicote; chibata; vara flexível (De “verga”+“-asta”).

ventar – estar um tempo ventoso; fazer vento.

A finalizar...

(mais meia-dúzia de opiniões pessoais)

Ao contrário do que poderia pensar o leitor menos informado, as características linguísticas dos dialectos falados nesta área geográfica reflectem, na sua maior parte, não o espírito tacanho ou tosco destes falantes, mas sim um certo purismo ou conservadorismo linguístico. Isso acontece quer ao nível do vocabulário, quer ao nível da fonética, quer ao nível morfológico. A verdade é que esta região sempre soube preservar a sua identidade cultural durante mais tempo do que outras zonas da lusofonia, que tradicionalmente apresentam alguma tendência adicional para a integração de locuções estrangeiras e para a assimilação de alterações morfológicas e fonológicas no seio do património linguístico. Por outro lado, é um princípio básico da cidadania o dever de respeitar as diferenças culturais de uma forma activa, isto é, de reconhecer ao outro o direito à sua própria identidade cultural. Contrariamente ao que muitas vezes se pretende fazer pensar, a diferença linguística, o desvio à “norma”, que uns estabelecem e à qual outros se subordinam, não é necessariamente uma falta de cultura, ou uma falta de respeito pelos falantes que seguem essa norma. Efectivamente, qualquer português minimamente conhecedor da Língua Portuguesa (e não tem de ter estudos de Humanidades) consegue comunicar de forma eficiente com um galego ou um brasileiro que utilizem, no seu dia-a-dia, as respectivas variantes dialectais. Isto, mesmo tratando-se de variantes da Língua com alguns traços distintivos bastante acentuados. O que se pretende mostrar é que, vistas as coisas por este prisma, o argumento da dificuldade em estabelecer uma boa comunicação entre falantes das diversas variantes linguísticas (nomeadamente, para o que aqui nos interessa, a variante setentrional e a centro-meridional) não é válido. O que realmente influi na capacidade de comunicação entre falantes destas duas variantes não é a variante em si, mas sim outros factores, como por exemplo,

um pobre conhecimento da Língua por parte de qualquer um dos interlocutores. E pouco adianta falar-se a variante “cultura”, se não se souber falar e compreender a Língua em si. O problema não está neste ou naquele traço de pronúncia, nesta ou naquela característica morfológica, nesta ou naquela palavra menos comum, mas sim num fraco domínio da Língua, que se pode reflectir por exemplo num volume lexical reduzido.

Em tempos, um meu professor de Língua Portuguesa costumava dizer que “a Língua é o povo que a faz”. Embora nem sempre as coisas se processem numa forma assim tão democrática, não deixa de ser verdade que o “povo” (ou será antes “os povos”?) é quem tem a última palavra a dizer, no que se refere ao rumo que toma ou não toma a evolução da Língua. Em todo o caso, a Língua é indiscutivelmente um elemento dinâmico e multifacetado, é um elemento vivo, que cresce e que continuamente se transforma. Mas essa transformação não é operada por decreto e, portanto, vai ocorrendo gradualmente e de forma muito pouco homogénea. Por esse motivo, saber conviver com as diferentes variantes de uma mesma língua é um imperativo moral. Não o fazer, querendo impor a outrem uma determinada cultura que não se lhe ajusta, é ir contra os princípios sobre os quais assenta a nossa Constituição ou, diria mesmo, como continuar a viver no tempo longínquo dos descobrimentos, em que os nossos navegantes partiam incumbidos da missão de *colonizar* novas terras e de *converter* os seus habitantes à cultura “certa”, oficial, despojando-os dos seus bens materiais e das suas tradições.

Perante o que acima vem dito, devo ainda referir que do meu ponto de vista é um direito de qualquer cidadão utilizar a sua própria língua (nem que seja um dialecto regional não normalizado) sem que isso se constitua como motivo de preconceito ou de discriminação social. E defendo também que esse uso é inteiramente legítimo, não só a nível da comunicação oral, mas também ao nível da escrita. Felizmente, o nosso sistema ortográfico (assente em critérios etimológicos, entre outros) é suficientemente flexível para permitir que uma determinada palavra seja pronunciada de diferentes formas, o que possibilita a utilização de um padrão geral comum aos diversos dialectos.

Desta forma, aquele que escreve no seu próprio dialecto pode escrever de uma forma muito semelhante à de um falante de qualquer outra variante da Língua, facilitando o entendimento recíproco sem a perda de identidade de qualquer das partes. Ainda assim, há algumas estruturas linguísticas que, apesar do seu uso corrente nos dias de hoje, já deixaram de ser apoiadas pelos *legisladores da Língua* (que preferem habitualmente as tendências dos dialectos do centro-sul) ou que, sendo inovações, são ainda por eles ignoradas ou menosprezadas. O falante ou escritor deverá ter um bom conhecimento da Língua, de modo a poder optar pela modalidade de expressão que melhor lhe convém. Aqueles que preferem expressar-se coa língua que aprenderam desde o berço, poderão por exemplo utilizar, mesmo por escrito, as palavras “co/cos/coa/coas”, “ca/cò/cà/còs/càs”, “pra, prò, prà, pròs, pràs”, “imos”, “indes”, “fazendes”, “tendes”, “inda”, “canda”, “atimar”, “bonda”, “encertar”, “queto”, “varado”... e muitas outras. É um direito básico que lhes assiste. Em qualquer momento, sempre que o desejarem ou acharem necessário, podem optar por usá-las ou por substituí-las por quaisquer outras da nossa Língua, em função do contexto, dos conhecimentos linguísticos do destinatário ou, simplesmente, do efeito pretendido. Convém, somente, que não seja perdido de vista o principal objectivo da Língua – comunicar. Comunicar ideias, sentimentos, intenções, ideologias... em suma, comunicar aquilo que *queremos* comunicar.